

IndiferentOs e ignorantOs

Debate *Lingua portuguesa*
Madalena Homem Cardoso

Recém-regressada ao solo pátrio e sem ter visto as solenes comemorações do Dia de Portugal, constato na passada quinta-feira à noite, na SIC-Notícias, ter sido definitivamente abolida a invariância de género na Língua Portuguesa.

Com a perplexidade da incauta viajantA acabada de aterrar nesta terra minha que tanto venho estranhando, interrogo-me: será este um 3º protocolo modificativo ao dito “acordo” dito “ortográfico”? Tudo é possível, bastando uns dias de ausência e de distração quanto às surpresas com que nos brindam os nossos altos dirigentOs...

No noticiário das dez, lá estava o presidentO do Futebol Clube do Porto dizendo-se honrado por ter sido recebido pela presidentA da Assembleia da República. Correndo o risco de ser insolentA, confesso que levei tais declarações à conta de o senhor Pinto da Costa não ter sido provavelmente um aplicado estudiantO, pese embora a notável carreira ascendentA de dirigentO desportivo...

Porém, já de madrugada, no programa “Fora d’Horas” da mesma SIC-Notícias, tudo se confirmou. Depois de Martim Cabral se ter dito apátrida de coração, admitindo não encontrar localização para a sua alma internacional no mapa mundi, apregoa-se feminisT e apoia a correspondentA da SIC no Rio de Janeiro, Ivani Flora, na utilização da palavra “presidentA”. Diz mesmo, com desdém sobranceiro, ser essa uma questão de mera extensão do “acordo ortográfico”, e uma polémica estéril de idêntica irrelevância. Questões mais relevantAs parecem ser as da espuma dos dias com que os jornalistOs se entretêm e nos entretêm, de facto...

Henrique Cymerman, correspondentO da SIC em Tel Aviv, secunda ambos mas apela à compreensão perante a oposição resistentA a tais alterações. Observa que a língua é lenta a evoluir – coitada! –, não consegue acompanhar o ritmo dos tempos... José Milhazes, correspondentO da SIC em Moscovo que até dá aulas de Português a russos, ri-se e acena a sua concordância.

Apenas Fernando de Sousa, correspondentO em Bruxelas, parece abster-se. A convidada em estúdio (ex-assessora do ex-MNE Luís Amado) ainda esboça e reitera umas reticências, mas é incapaz de fundamentá-las, como se a existência de “presidentAs” não implicasse necessariamente a existência de “presidentOs”... (Estes, como a presidentA Dilma Rousseff ou o presidentO Cavaco Silva, portadores de reconhecida iliteracia funcional...) Mas a ignorância crassa dos jornalistOs, cujo ofício requer o uso da Língua Portuguesa como ferramenta de trabalho quotidiana, essa demonstra bem o País que temos, o do “acordês” televisivo e o da TLEBS nas escolas, um País sem direito ao trabalho e à saúde, sem direito à informação e à escolarização de qualidade aceitável, sem direito à língua e à cultura, esta cada vez mais “apagada e vil tristeza”, este imerecimento ignorantO do passado, e esta ausência de futuro tão placidamente aceitA.

Médica, escritora e activista cívica

Novos modos de não ser: a Língua Portuguesa e outros Organismos Geneticamente Modificáveis

Madalena Homem Cardoso *

"El mayor crimen está ahora, no en los que matan,
sino en los que no matan pero dejan matar."
(Ortega y Gasset)

No princípio não é o verbo, é a falácia. É preciso alegar falaciosamente a prossecução de um grande desígnio para fazer negócio com coisas que a opinião pública, indiferente aos milagres operados pelas "bolhas" na economia, ingenuamente considera intocáveis.

Se a oportunidade de negócio repugna ao senso-comum como uma profanação, se suscita as maiores dúvidas e preocupações aos cidadãos instruídos e informados, se põe em causa valores fundamentais, então é preciso um grande desígnio e transferir vigorosamente o ónus da prova. Com dinheiro, isso arranja-se...

Se o impingir do tal desígnio falhar, se a tentativa de transferência do ónus da prova for desmascarada por quem defenda tenazmente os valores postos em causa, resta a constatação do facto consumado, pois nessa altura já o poder político (que nasce e cresce quase sempre ajoelhado diante do poder económico) apoiou incondicionalmente o alegado grande desígnio, e o negócio está em marcha. "Paciência, é demasiado tarde, temos pena..."

O dinheiro ajuda muito a encolher os ombros a sucessões de falácias e, sobretudo, a factos consumados. O cansaço também. A indiferença, mais ainda. E assim medram os vícios antidemocráticos nas democracias, ao ponto de aniquilarem os valores humanos fundamentais e as perspectivas de futuro. O paradigma é muitas vezes este mesmo, facilmente identificável.

"Vamos matar a fome no Mundo!", diz-se, e patenteiam-se batatas ultra-competitivas, batatas topo-de-gama, uniformes no peso e na forma, sem manchas na pele ou na polpa, à prova de fungos e insectos e vírus e herbicidas, dir-se-iam a perfeição com aparência de tubérculo...

"Vamos matar a fome no Mundo!", diz-se, e qualquer dia não há outras espécies para cultivar, pois os genes patenteados contaminarão e aniquilarão o património genético de inúmeras espécies vegetais, a riqueza e o potencial da sua biodiversidade... "Mas sempre se fez melhoramento de plantas!" ...Sim, mas o melhoramento de plantas não leva genes de ratazana para o genoma das alfases (Virginia Tech, Estados Unidos da América)... "Pois, mas esta biotecnologia vai acabar com a fome no Mundo... Provem lá que não vai!" ...Eis a tal transferência do ónus da prova.

Enquanto se esgrimem argumentos, já se transferem os genes que codificam os pigmentos de certas flores para dar cores novas ao tomate (John Innes Centre, Reino Unido), apelativas aos consumidores, e já os organismos geneticamente modificados (OGM) estão, sobretudo nos Estados Unidos da América e no Terceiro Mundo, a produzir riqueza para poucos. Nos solos áridos resultantes da desflorestação da selva

amazónica, já há anos se produz a soja transgénica que depois entra, através das rações para animais, em países que só aparentemente vedam o consumo de OGM na alimentação humana...

Facto consumado, já está... e, contra factos, não há argumentos. Quem são os retrógrados que pretendem tentar travar os progressos científicos? (Serão os mesmos que se opõem à construção de centrais nucleares?)

Já nem é referida a suposta intenção primordial de acabar com a fome no Mundo, e essa lá continua e até se expande, alheia ao "marketing" das grandes multinacionais que sonham controlar o preço de toda a alimentação dos que possam pagar para se alimentar, no futuro... Os morangos, quando todos tiverem "direitos de autor", não poderão ser cultivados no quintal, irão carecer de licenciamento. As sementes programadas para gerarem plantas estéreis têm o equivalente a um microscópico código de barras. Um dia, também os seres humanos terão código de barras tatuado algures, ou "chip" subcutâneo, ou actualizações disponíveis para o seu "software" mental, quem sabe...?

"Vamos unificar a Língua Portuguesa no Mundo!", diz-se, e cria-se o conceito de "Lusofonia", a propósito do qual os "lusófonos encartados" viajam muito e organizam congressos, onde se produzem imensos discursos e onde se abrem oportunidades de negócio. A "Lusofonia" amealha subsídios chorudos e será referida tantas vezes quantas as necessárias para que se creia que existe de facto.

Unificar a Língua Portuguesa no Mundo? Enquanto eu apanho um autocarro, um brasileiro continuará a "estar pegando ônibus", e aqui temos a responsabilidade de preservar a matriz do Português, um património com muitos mais séculos do que o próprio País, parte indissociável da nossa identidade, da nossa soberania... Não é por decreto que se sustém o fenómeno espontâneo e natural da divergência linguística. Não é pelo empobrecimento brutal da variante europeia que se opera qualquer aproximação.

Em Português do Brasil, ou Brasileiro: Um brasileiro chega num hotel em Portugal, enxerga uma placa dizendo "receção" e pensa "Minha nossa, aqui a recessão económica está ficando braba, já tem atendimento para hóspede sem grana...", porque ele continuará escrevendo "recepção" e continuará falando "ricepção". Queira-se ou não. Aonde pára (ou "para", em "acordês atual") a unificação? (Nestoutro paradigma de "bolha", mesmo transferindo-se o ónus da prova, a demonstração da falácia é bem fácil de fazer por absurdo.)

A nossa língua – como todas as línguas – é um ser vivo muito complexo, tem um "património genético" que a filia evolutivamente no conjunto das línguas europeias, há parentescos entre palavras, há várias formas de dizê-las, cada palavra tem uma História e todos somos nós em cada uma delas... Cada uma é um gene, e o Português de Portugal é o nosso ADN, o nosso legado aos nossos filhos e netos, não um linguajar de plástico adulterado pelo "contato direto sem espetativas" com uma escrita ao jeito da "fast-food", uma escrita artificial e artificiosa inventada sobre o joelho, ao sabor de conveniências obscuras.

"Vamos dar expressão mundial à 'Lusofonia', o Português poderá vir a ser 'língua oficial' / 'língua de trabalho' nas Nações Unidas!" ...Não, o Português não poderá vir a ser língua de trabalho, muito menos língua oficial, nas Nações Unidas; essas são descaradas mentiras, mentiras muitas vezes repetidas por quem tem as mais altas responsabilidades, mentiras-de-Estado...! "...Pois, todavia Portugal é minúsculo e o Brasil é imenso, não queiramos assumir uma posição neocolonialista!" (Terão os

portugueses de pedir licença à "Lusofonia" para "colonizar" Portugal?) ...Mas, perante os cinco países africanos de expressão portuguesa, os territórios da Ásia e Timor Lorosae, onde é a variante europeia do Português que prevalece, será agora o Brasil a impor um neocolonialismo económico? Ou populacional? ...Sim, porque inicialmente, em 1986, o "acordo ortográfico" chamou-se "acordo ortográfico luso-brasileiro" e só o ridículo "*cagado na praia de fato*" susteve (pelo dejecto na indumentária) o projecto de suprimir-se o acento agudo nas palavras esdrúxulas... Lembram-se? Eram os "lusófonos" a dar os primeiros passos, ousados, desastrados.

Agora, é o facto consumado (ou outro tabu?) e abre-se um precedente. Criado um "lusofonês" ou "acordês" só nosso, suposta a obrigatoriedade de se instalar o "conversor" Lince que não "faculta" as "facultatividades", está aberta a época de caça à consoante alegadamente muda e espúria, a época de caça ao hífen e a alguns acentos, etc.... Adaptem-se os falantes e escreventes do Português de Portugal a uma decisão internacional já tomada no âmbito da "Lusofonia", tal como os ilustres deputados da Nação se adaptaram bem à disciplina partidária e votaram na ignorância, contra a sua consciência, contra todos os pareceres dos especialistas, contra a vontade dos que os elegeram... A responsabilidade de todos foi e é "chutada para canto" (ou "escanteio", no Brasil).

Qualquer dia, quando em Portugal se propuser a extinção da letra "H" – "consoante muda" mais muda não há! –, ou a supressão total da acentuação gráfica e da cedilha com vista à "adocao" de teclados internacionais, os brasileiros irão repor o seu trema, muito naturalmente, pois é-lhes necessário... Continuarão com as mesmas hediondas taxas de analfabetismo e de iliteracia funcional, ou talvez não. Continuarão a ter um dos piores sistemas de ensino a nível mundial, ou talvez não. Provavelmente, continuarão sem conseguir gerir um caos linguístico bem anterior a este que estamos a instalar por cá. O Brasil irá gerir o seu destino por si mesmo, sem consultar a "Lusofonia", isso é seguro; era o que mais faltava...!

Por cá, continuará a ser necessário vender ainda mais dicionários e livros escolares "atualizados", promover ainda mais "ações de formação" para ensinar o que então for considerado "Português correto" (leia-se "corrêto" como em "carreto", claro!), e far-se-á um "neo-acordês" ainda mais "atual", patrocinado pelas agências de viagens escolhidas pelos senhores da "Lusofonia", primos dos governantes que apelam a que emigremos...

O "acordês" não é Lei, é apenas "resolução" muito pouco resoluta... Ainda que o fosse, não há leis irrevogáveis, não há tratados internacionais irreversíveis. "O povo é quem mais ordena", ou já não é...!?

Nem interessa saber quem promove (ou a quem convém) o linguicídio. Os brasileiros eruditos repudiam-no vivamente, isso é sabido. Angolanos e moçambicanos rejeitam-no, estupefactos, incrédulos. ...Interessa, isso sim, saber quem se cala, saber quem consente, aqui e agora... Quantos de nós?

* Médica, escritora e activista cívica, autora da Carta Aberta ao Ministro da Educação e Ciência datada de 24/03/2012 e alojada em <http://static.publico.pt/docs/educacao/carta.pdf>

Novos modos de não ser

Debate Língua portuguesa
Madalena Homem Cardoso

No princípio não é o verbo, é a falácia. É preciso alegar falaciosamente a prossecução de um grande desígnio para fazer negócio com coisas que a opinião pública considera intocáveis.

Se a oportunidade de negócio repugna como uma profanação, se suscita as maiores

preocupações aos cidadãos informados, se põe em causa valores fundamentais, então é preciso um grande desígnio e transferir vigorosamente o ónus da prova. Com dinheiro, isso arranja-se...

Se o impingir do tal desígnio falhar, se a tentativa de transferência do ónus da prova for desmascarada por quem defenda os valores postos em causa, resta a constatação do facto consumado, pois nessa altura já o poder político (quase sempre ajoelhado diante do poder económico) apoiou incondicionalmente o alegado desígnio, e o negócio está em marcha.

O dinheiro ajuda muito a encolher os ombros a sucessões de falácias e a factos consumados. O cansaço também. A indiferença, mais ainda. E assim medram os vícios antidemocráticos nas democracias, ao ponto de aniquilarem os valores humanos fundamentais e as perspectivas de futuro. O paradigma é muitas vezes este mesmo.

"Vamos matar a fome no Mundo!", diz-se, e patenteiam-se batatas ultracompetitivas, uniformes no peso e na forma, sem manchas na pele ou na polpa, à prova de fungos e insectos e vírus e herbicidas, a perfeição com aparência de tubérculo...

"Vamos matar a fome no Mundo!", diz-se, e qualquer dia não há outras espécies para cultivar, pois os genes patenteados contaminarão e aniquilarão o património genético de inúmeras espécies vegetais, a riqueza e o potencial da sua biodiversidade... "Mas sempre se fez melhoramento de plantas!"... Sim, mas isso não leva genes de ratazana para o genoma das alfaces... "Pois, mas esta biotecnologia vai acabar com a fome no Mundo... Provem lá que não vai!"... Eis a tal transferência do ónus da prova.

"Vamos unificar a Língua Portuguesa no Mundo!", diz-se, e cria-se o conceito de "Lusofonia", a propósito do qual os "lusófonos encartados" viajam muito e organizam congressos, onde se produzem imensos discursos e onde se abrem oportunidades de negócio. A "Lusofonia" amealha subsídios chorudos e será referida tantas vezes quantas as necessárias para que se creia que existe de facto.

Unificar? Enquanto apanho um autocarro, um brasileiro continuará a "estar pegando ônibus", e aqui temos a responsabilidade

de preservar a matriz do Português, um património com muitos mais séculos do que o próprio País, parte indissociável da nossa identidade, da nossa soberania... Não é por decreto que se sustém o fenómeno natural da divergência linguística. Não é pelo empobrecimento brutal da variante europeia que se opera qualquer aproximação.

A nossa língua – como todas as línguas – é um ser vivo muito complexo, tem um "património genético" que a filia evolutivamente no conjunto das línguas europeias, há parentescos entre palavras, há várias formas de dizê-las, cada palavra tem uma História e todos somos nós em cada uma delas... Cada uma é um gene, e o Português de Portugal é o nosso ADN, o nosso legado aos nossos filhos, não um linguajar adulterado pelo "contato direto sem espetativas" com uma escrita ao



O "acordês" não é lei, é apenas "resolução" muito pouco resoluto. Quem cala e consente? Quantos de nós?

jeito da *fast food*, artificial e artificiosa, inventada sobre o joelho ao sabor de conveniências obscuras.

Criado um "lusofonês-acordês" só nosso, suposta a obrigatoriedade de se instalar o "conversor" Lince que não "faculta" as "facultatividades", está aberta a época de caça à consoante alegadamente muda e espúria, a época de caça ao hífen e a alguns acentos, etc.... Adaptem-se os falantes e escreventes do Português de Portugal a uma decisão internacional já tomada no âmbito da "Lusofonia", tal como os ilustres deputados da Nação se adaptaram à disciplina partidária e votaram na ignorância, contra a sua consciência, contra todos os pareceres dos especialistas, contra a vontade dos que os elegeram...

Por cá, continuará a ser necessário vender dicionários e livros escolares, promover mais "ações de formação" para ensinar o "Português correto" (leia-se "corrêto" como em "carreto", claro!), e far-se-á um "neo-acordês" ainda mais "atual", patrocinado pelas agências de viagens escolhidas pelos senhores da "Lusofonia"...

O "acordês" não é lei, é apenas "resolução" muito pouco resoluto... Ainda que o fosse, não há leis irrevogáveis, não há tratados irreversíveis. "O povo é quem mais ordena", ou já não é...!? Nem interessa saber a quem convém o linguicídio. Os brasileiros eruditos repudiam-no. Angolanos e moçambicanos rejeitam-no, estupefactos... Interessa, sim, saber quem cala e consente, aqui e agora... Quantos de nós?

Médica, escritora e activista cívica

O "pato de silêncio", nas palavras
de João Lemos Esteves
("Expresso", 02/06/2011):



Políticoesfera
o mundo da política visto por um jovem militante partidário
por João Lemos Esteves

Passos Coelho é o próximo primeiro-ministro de Portugal: por mérito próprio?

João Lemos Esteves (www.expresso.pt)
10:09 Quinta feira, 2 de junho de 2011

Share 10 Tweet 0 +1 0 Like 8 45 comentários

A campanha para as eleições do próximo Domingo confirmou a inutilidade dramática da realização deste ato eleitoral. Os partidos fizeram **um pato de silêncio** sobre o memorando assinado com a troika, enredaram-se em acusações de carácter pessoal e resolveram virar a cara aos reais problemas de Portugal. Durante quinze dias, os líderes



Quem nos salva dos patos?

Debate *Lingua portuguesa*
Madalena Homem Cardoso

Oaros concidadãos, vivemos tempos difíceis, muito difíceis. E novos problemas exigem novas abordagens. Foi assim que, qual versão feminina de Nostradamus, criei uma Astrologia-de-fusão e concluí que entrámos há alguns anos, sem que disso nos tivéssemos apercebido, na cataclítica Era do Pato.

Tudo começou no momento em que fui iluminada por um jotinha. Todos sabemos que os nativos de Jota são dotados de uma verdadeira presciência que os guia a patamares elevadíssimos numa ascensão cármica, meteórica e olímpica por via do conhecimento ou, melhor, dos muitos conhecimentos que cultivam... Este Jota foi o primeiro a chamar a atenção da Humanidade em geral e dos portugueses em particular, em escritos veiculados pela versão *online* do semanário mais espesso da nossa praça, para a existência algures de dois patos, a saber: o “pato de estabilidade e crescimento” (*Expresso*, artigo de 04/02/2011) e o “pato de silêncio” (*Expresso*, artigo de 02/06/2011). Porém, a sagacidade subjacente a estes alertas não foi devidamente valorizada pela sociedade civil. Temi nessa altura que viesse a instalar-se e a generalizar-se o pânico perante a ameaça dos palmípedes, mas não...

Quanto a mim, francamente preocupada, reconheci a pertinência das observações de João Lemos Esteves e recorri aos vastos conhecimentos que tenho das Astrologias ocidentais e orientais para tentar discernir os contornos deste que, se não é sinal do Fim dos Tempos e creio que não será tanto, aponta pelo menos para o Fim da Civilização tal como a entendemos.

Do mesmo modo que as crianças se entretêm a fazer corresponder imagens às formas mutantes das nuvens, assim os antigos traçavam linhas imaginárias entre as estrelas mais brilhantes da esfera celeste e encontravam nessas linhas o desenho

de toda a sorte de figuras animais ou humanas, reais ou mitológicas, e mesmo objectos... Segui-lhes - às crianças e aos antigos - as pisadas e, munida de telescópio, lá encontrei os dois aludidos patos nas estrelas, grassando aos deuses.

Confirmei com estes dois que a terra há-de comer. O “pato de estabilidade e crescimento” (PEC) lá está, esqualido e entalado entre as constelações de Euro e de Dólar. Os nativos de PEC são profundamente crentes e, enquanto mantiverem a crença de que a sua parca fortuna se encontra lá onde a imaginam, sob o signo de Banco, sobreviverão. Muito



O ‘pato de silêncio’ não age por iniciativa própria, está às ordens de um grande pato, esse que poderemos designar por Pato-dos-Patos, o ‘pato de regime’ (PR)

magros, mas sobreviverão.

Já o “pato de silêncio” foi bem mais difícil de observar pois, tal como o nome indica, faz de tudo para passar despercebido. Caracteriza-se por se aliar a qualquer outra constelação conferindo-lhe uma forma totalmente diferente. Este é um pato contorcionista... Ainda assim, consegui apanhá-lo em flagrante nos céus, por diversas vezes, ora dando a aparência de Aquário à

constelação de Comboio, ora dando o aspecto de Virgem à constelação de Eucalipto, ora ainda fazendo tomar por Balança a constelação de Tesoura... Enfim, sempre enganando os astrólogos menos avisados, este “pato de silêncio” vigarista.

Mas foi, precisamente, ao seguir as movimentações do “pato de silêncio” que vim a fazer depois uma descoberta bem mais importante. O “pato de silêncio” não age por iniciativa própria, está às ordens de um grande pato, esse que poderemos designar por Pato-dos-Patos, o “pato de regime” (PR). Esta ave pontifica nas alturas, visto que ocupa uma enorme área da esfera celeste e envolve os outros patinhos todos, estendendo as suas amplas asas desde a constelação de Betão até à constelação de Banco. É com o PR que devemos todos preocupar-nos e perceber que nos encontramos há muito tempo, há demasiado tempo, na desgraçada Era do Pato de Regime.

Médica, escritora e activista cívica

A crónica do provedor do Leitor voltará a este espaço no dia 16 de Setembro



ENRIC VIVES-RUIJO

Audiências vs. Audições e a “PPP” dos livros escolares

Debate Acordo Ortográfico
Madalena Homem Cardoso

Gosto de palavras. Dou-lhes, antes de mais, um “valor facial” e é pela percepção mais simples que me guio. Em princípio, as palavras são seres confiáveis, mesmo quando utilizadas por seres menos confiáveis.

Uso a palavra “audiência” sobretudo no plural: as “audiências de um programa televisivo” são as percentagens das pessoas que teriam o televisor ligado a transmitir o programa de televisão, quer o estivessem verdadeiramente a ver e ouvir, quer não.

Não desconheço que, fora os significados particulares no contexto jurídico, a mesma palavra “audiência”, assim no singular, é o acto praticado por uma autoridade quando recebe formalmente uma ou mais pessoas que pretendem dirigir-lhe uma comunicação presencial.

Já “audição” não é a demonstração de uma disposição para receber quem quer ser ouvido, será mesmo o uso dos ouvidos, é ouvir activamente. Quando se usa activamente a faculdade de ouvir, poderá então falar-se de auscultar ou pelo menos de escutar.

São assim as palavras, chãs... Como as que compõem o nome dado ao Grupo de Trabalho criado já em 2013, no âmbito da 8ª Comissão Parlamentar, por iniciativa do deputado poeta Miguel Tiago aprovada por unanimidade, onde pontifica a ex-ministra Gabriela Canavilhas: “acompanhamento da Aplicação do Acordo Ortográfico”, e “acompanhamento” é escolta, assistência, séquito, guarnição, ir a par em harmonia.

Aqui, as palavras antagonizam as expectativas geradas, em particular quando se atenta no calendário de actividades deste Grupo de Trabalho, separadas por “audiências” e “audições” (ver **imagem da Internet**): na tabela das “audiências”, aglomeram-se nomes de pessoas que contestam o autodenominado “acordo ortográfico” (AO) e pediram para ser ouvidas; na das “audições”, está um rol de pessoas a auscultar, as quais têm em comum posicionarem-se favoravelmente quanto a esse assunto, terem sido convidadas, e estarem a ganhar dinheiro (algumas, mesmo muito dinheiro) com a aplicação desconchavada desta aberração linguística.

Pessoas como Vasco Graça Moura, a Professora Helena Buescu, o Professor Vasconcelos e Sousa, o Professor Rui Duarte, o jornalista Nuno Pacheco, etc. pediram para ser ouvidas. As audiências foram “concedidas” a estes cidadãos, informa a tabela das “audiências” (na outra não há concessões, mas há menção aos títulos académicos e aos cargos, com pompa e circunstância - outra diferença notória que

havia, agora “mitigada” pela inclusão de última hora de uns títulos académicos “ad hoc”...), e o Grupo de Trabalho foi visitado. Presume-se que estes visitantes, como não o utilizam, não lucram com o AO, nem perderiam dinheiro com a sua desaplicação – excepto enquanto contribuintes, claro. Muito menos perderiam prestígio.

Carlos Reis, para quem Angola “mais tarde ou mais cedo, vai ter mesmo de adoptar o AO” (PÚBLICO, 09/01/2013), foi convidado e ouvido por videoconferência, nalgum intervalo das suas múltiplas “atividades” lucrativas relacionadas com o AO.

O Grupo Porto Editora integra sob denominações variadas um imenso segmento da edição de livros escolares (Porto Editora, Areal Editores, Raiz/Lisboa Editora, Livraria Arnado, Plural-Angola, Plural-Moçambique) e ainda outras editoras adquiridas (Assfrio & Alvim, Grupo Bertrand [Bertrand Editores + Quetzal + Pergaminho + Temas e Debates + Contraponto + Arteplural + Gestão Plus + Círculo de Leitores + 11/17], Albatroz, Ideias de Ler, Sextante Editora, 5 Sentidos). Este e outro mega-grupo editorial – o Grupo Leya – partilham entre ambos o que é hoje o monopólio do mercado dos livros escolares em Portugal, um mercado que movimenta largas dezenas de milhões de euros anuais.

O administrador do Grupo Porto Editora, Vasco Teixeira, foi recebido em “audição” – a primeira “unipessoal”, entre as dez audiências e audições realizadas até à data –, referiu custos relacionados com o AO esquecendo-se de referir lucros, e disse uma

“

Em Itália, chamam ‘portugueses’ às pessoas que participam nas festas sem convite. Em Portugal, a Língua Portuguesa será um ‘português’ (na acepção italiana) tentando entrar na AR sem ser convidada?

frase que sintetiza o seu contributo junto dos deputados:

“Nós fomos contra o acordo até ao momento em que o acordo foi oficial” (*sic*).

Seguiram-se nas “audições”, em comitiva do ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional), os fazedores e refazedores dos instrumentos oficiais da aplicação do AO que não o cumprem, os tais de quem Vasco Teixeira se havia lá queixado por mudarem palavras a torto e a direito, por corrigirem permanentemente o “AO” sem disso se dignarem dar conta às editoras... (Já o *Jornal de Angola* se referiu, em editorial de Fevereiro de 2012,

Nome	Emp.	M.	Assunto
3-17-AAAA-ES	ES	3	Audições de Assento Ortográfico
3-17-AAAA-ES	ES	3	Audições de Assento Ortográfico
3-17-AAAA-ES	ES	3	Audições de Assento Ortográfico

Nome	Emp.	M.	Assunto
3-17-AAAA-ES	ES	3	Audiências de Assento Ortográfico
4-17-AAAA-ES	ES	3	Audiências de Assento Ortográfico
3-17-AAAA-ES	ES	3	Audiências de Assento Ortográfico

ao “difícil comércio da faz e refaz, quem as pa quem as compra?”

Entretanto, surgiu a há uma verdadeira “PI privada) entre o Minis e os editores de livros documento algures só que explicará ensurde

Entre a Resolução d nº 8/2011 (de Janeiro) ano lectivo subordinac decorreram menos de grupos editoriais cons “a tempo”, com muda de Língua Portuguesa até coincidiram, muit ficaram pelo caminho. Mas, quando este p o Ministério da Educa “indemnizar regimei grupos editoriais, ind quanto lucraram, da cilindraram, e sobre que tiveram enquant telenovela mexicana..

Ganham muito ou g e esta não é mais uma tema habitual, o das “indiferença às grande – que choca ao ponto no cerne da questão d pornográfico entre as da Educação chefiado

Esta revelação eluci desconcertante “acor de Vasco Teixeira, ad Porto Editora, ouvido tornando coerente a i ao assunto em apreço civilizacional da activi desenvolve. A esta luz estranheza a displicê referiu ter o hábito de (defendeu de passage acentos graves), ou a com que fez gala de d Gil Vicente...

ções escolares

ela inclusão de académicos “ad trabalho foi visitado. antes, como não m o AO, nem i sua desaplicação – quintes, claro. Muito io.

Angola “mais tarde mo de adoptar o 3), foi convidado ência, nalgum as “atividades” m o AO.

integra sob m imenso segmento res (Porto Editora, ia Editora, Livraria ural-Moçambique) quiridas (Assfrio & ertrand Editores Temas e Debates il + Gestão Plus + l, Albatroz, Ideias 5 Sentidos). Este rial – o Grupo nbos o que é hoje o os livros escolares) que movimenta ; de euros anuais. upo Porto Editora, ido em “audição” ”, entre as dez alizadas até à data iados com o AO lucros, e disse uma rase que sintetiza o eu contributo junto los deputados: Nós fomos contra i acordo até ao nomento em que o rdo foi oficial” sic).

Seguiram-se ias “audições”, m comitiva do LTEC (Instituto de íngüística Teórica : Computacional), is fazedores e efazedores dos nstrumentos oficiais la aplicação do AO ue não o cumprem, is tais de quem Vasco Teixeira se avia lá queixado por nudarem palavras torto e a direito, or corrigirem rmanentemente “AO” sem disso se lignarem dar conta s editoras... (Já o rnal de Angola se eferiu, em editorial le Fevereiro de 2012,

Nome	Leg. Nº	Assunto	Estabelecimento	Data	
3-17-AAAO-02	02	3	Audição de Assis Gravada	Professora Doutora Margarita Carval, Presidente do Instituto Científica Teórica e Computacional - LTEC/Professora Doutora Maria Helena Mira Mateus - Investigadora - LTEC/Dr. José Pedro Ferreira - LTEC	2012-09-21
3-17-AAAO-02	02	3	Audição de Assis Gravada	Engº Vasco Teixeira Administrador da Porto Editora	2012-09-24
3-17-AAAO-02	02	3	Audição de Assis Gravada	Professor Doutor Carlos Rosário, José Carlos Gonçalves	2012-02-08

Nome	Leg. Nº	Assunto	Estabelecimento	Estado	Data	
3-17-AAAO-02	02	3	Audição de Assis Gravada	Helena Carvalhais Raposo/Carvalhais Saraiva/Bernardo Gonçalves e Sousa	Concluído	2012-03-07
4-17-AAAO-02	02	3	Audição de Assis Gravada	Equipa Técnica de Análise	Concluído	2012-02-21
3-17-AAAO-02	02	3	Audição de Assis Gravada	Yorgio A. Pádua Machado, João Roque Reis, Rui Miguel Soares	Concluído	2012-02-14

ao “difícil comércio das palavras”... Quem as faz e refaz, quem as patenteia, quem as vende, quem as compra?)

Entretanto, surgiu a informação de que há uma verdadeira “PPP” (parceria público-privada) entre o Ministério da Educação e os editores de livros escolares. Há um documento algures sob uma espessa sombra que explicará ensurdecedores silêncios.

Entre a Resolução do Conselho de Ministros nº 8/2011 (de Janeiro) e o início do primeiro ano lectivo subordinado ao AO (2011-2012) decorreram menos de 8 meses. Só os grandes grupos editoriais conseguiram adaptar livros “a tempo”, com mudanças dos programas de Língua Portuguesa e de Matemática que até coincidiram, muitas pequenas editoras ficaram pelo caminho, muito se lucrrou.

Mas, quando este processo for invertido, o Ministério da Educação estará obrigado a “indemnizar regiamente” (cito) estes grandes grupos editoriais, independentemente do quanto lucraram, da concorrência que cilindraram, e sobretudo do papel decisivo que tiveram enquanto lobby nesta triste telenovela mexicana...

Ganham muito ou ganham muitíssimo, e esta não é mais uma variação sobre um tema habitual, o das “PPP”, aqui há uma indiferença às grandes vítimas – os alunos – que choca ao ponto de se poder falar, no cerne da questão do AO, de um acordo pornográfico entre as editoras e o Ministério da Educação chefiado por Isabel Alçada.

Esta revelação elucida melhor o desconcertante “acordismo desacordista” de Vasco Teixeira, administrador do Grupo Porto Editora, ouvido em “audição” na AR, tornando coerente a iniludível indiferença ao assunto em apreço e à missão social e civilizacional da actividade comercial que desenvolve. A esta luz, deixou até de causar estranheza a displicência acrítica com que referiu ter o hábito de escrever sem acentos (defendeu de passagem, aliás, a abolição dos acentos graves), ou a tranquilidade olímpica com que fez gala de desconhecer a grafia de Gil Vicente...

(Defendamos os nossos filhos de um País assim, defendamo-los de nós mesmos que consentimos este despidorado império da “mediocracia”, pobres filhos!)

Dirigi, no passado dia 8 de Janeiro, um Requerimento aos Ministros da Educação e dos Negócios Estrangeiros, em resposta a um silêncio de Nuno Crato que remonta a Abril de 2012, solicitando a apresentação de documentos do dossier nacional e internacional sobre o AO. Largamente ultrapassado o prazo que a lei impõe à resposta, e dado o risco de intimação judicial para o mesmo efeito, recebi há três semanas comunicação telefónica de um assessor de Paulo Portas informando que, por acordo entre os senhores Ministros, a resposta conjunta ao Requerimento irá ser dada em breve por Nuno Crato.

Três dias depois deste telefonema, quase achei graça à notícia de que o Ministro da Educação, em visita oficial ao Brasil, evitou perguntas sobre o AO dizendo aos jornalistas ser esse “um assunto sobretudo da área dos Negócios Estrangeiros” (SIC-Notícias, 18/03/2013).

Voltando ao Grupo de Trabalho cujo trabalho espero não seja “para lamentar”, consultei o Regimento da Assembleia da República (AR) e não me espantei. A palavra “audiência” não mora lá, cada um disponha do seu tempo como queira, assim haja benevolência e espaço em agenda. Já “audição” e “audições” são palavras que aparecem dezassete vezes no Regimento da AR (consultável no separador “Legislação” do sítio da AR na Internet). Não é de estranhar que na AR se brinque com as palavras, é precisamente disso que se trata.

Além de brincar com palavras, creio que também brincom com pessoas. O que poderá justificar que o administrador do Grupo Porto Editora tivesse o “tempo de antena” de uma audição “unipessoal”, enquanto outros, infinitamente mais credenciados, são agrupados em audiências a três ou a quatro, dispondo de poucos minutos para fundamentar as suas posições? O mesmo estava previsto para o representante do subsidiadíssimo “Ciberdúvidas” mas, ao ser denunciada em nota de imprensa esta discriminação, incluíram pela primeiríssima vez um opositor do AO numa audição, essa mesma, a quinta, e lá foi um senhor de quádrupla nacionalidade que representa uma Fundação “Geolíngua” de quem poucos terão ouvido falar...

Em Itália, chamam “portugueses” às pessoas que participam das festas sem convite, e isso data do séc. XVI, da embaixada de D. Manuel ao Papa, em que os italianos se faziam passar por portugueses para poder usufruir das faustosas festividades... Em Portugal, a Língua Portuguesa será um “português” (na acepção italiana) tentando entrar na AR sem ser convidada?

Médica, escritora e activista cívica

GRUPO DE TRABALHO - ACOMPANHAMENTO DA APLICAÇÃO DO ACORDO ORTOGRÁFICO

Em Atividade [2013-01-18 a]

Portal das Comissões > XII LEGISLATURA > 8CECC > GT-AAAO



destaques

APLICAÇÃO DO
ACORDO
ORTOGRÁFICO.

PARTICIPE.

APLICAÇÃO DO ACORDO ORTOGRÁFICO.

Consulte os **contributos** recebidos sobre esta matéria.



reuniões agendadas

Não existem Reuniões Agendadas.



audições

Núm	Leg.	SL	Assunto	Entidades	Data
3-GT-AAAO-XII	XII	2	<u>Aplicação do Acordo Ortográfico</u>	Professora Doutora Margarita Correia, Presidente do Instituto Linguística Teórica e Computacional - ILTEC; Professora Doutora Maria Helena Mira Mateus - Investigadora - ILTEC; Dr. José Pedro Ferreira - ILTEC	2013-03-21
2-GT-AAAO-XII	XII	2	<u>Aplicação do Acordo Ortográfico</u>	Engº Vasco Teixeira - Administrador da Porto Editora	2013-03-14
1-GT-AAAO-XII	XII	2	<u>Aplicação do Acordo Ortográfico</u>	Professor Doutor Carlos Reis; Dr. José Carlos Vasconcelos	2013-02-28



audiências

Núm	Leg.	SL	Assunto	Entidades	Estado	Data
5-GT-AAAO-XII	XII	2	<u>Aplicação do acordo ortográfico</u>	Helena Carvalhão Buescu; Teolinda Gersão; Bernardo Vasconcelos e Sousa	Concedida	2013-03-07
4-GT-AAAO-XII	XII	2	<u>Aplicação do acordo ortográfico</u>	Escola Secundária da Amadora	Concedida	2013-02-21
3-GT-AAAO-XII	XII	2	<u>Aplicação do Acordo Ortográfico</u>	Virgílio A. Páscoa Machado, João Roque Dias, Rui Miguel Duarte	Concedida	2013-02-14

[mais...]



COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA

Grupo de Trabalho - Acompanhamento da Aplicação do Acordo Ortográfico

Ordinária

REUNIÃO DO DIA 14 DE FEVEREIRO DE 2013

13:45 Horas

ORDEM DO DIA

1. Deliberação sobre as audições/audiências a realizar e sua calendarização

2. Audiência:

João Roque Dias
Virgílio Páscoa Machado
Rui Miguel Duarte



COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA

Grupo de Trabalho - Acompanhamento da Aplicação do Acordo Ortográfico

Ordinária

REUNIÃO DO DIA 04 DE ABRIL DE 2013

14:00 Horas

ORDEM DO DIA

1. Audição de José Mário Costa da CIBERDÚVIDAS



COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA

Grupo de Trabalho - Acompanhamento da Aplicação do Acordo Ortográfico

Ordinária

REUNIÃO DO DIA 04 DE ABRIL DE 2013

14:00 Horas

ORDEM DO DIA

1. Audição de José Mário Costa da CIBERDÚVIDAS e de Roberto Moreno da Fundação GEOLINGUA